

## **A corrupção para universitários brasileiros: um estudo de representações sociais**

Claudomilson Fernandes Braga, Simone Antoniaci Tuzzo

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Brasil.

milsonprof@gmail.com; simonetuzzo@hotmail.com

**Resumo.** O objetivo deste artigo é discutir a representação social da corrupção - aqui compreendida como fenômeno - em jovens universitários brasileiros, obtida a partir da pesquisa de campo de caráter qualitativo, analisada conforme a perspectiva da Bardin – Análise de Conteúdo. Construído a partir do referencial teórico sobre corrupção e sobre a Teoria das Representações Sociais, os resultados apontam no sentido de que para o jovem, brasileiro, universitário, a corrupção é compreendida como um aspecto cultural, intrínseco à sociedade, sobretudo a brasileira. A Representação Social da corrupção para o universitário é ilegalidade, e que ao contrário do que se pensava a corrupção não está estritamente ligada à classe política, apesar de ser a mais referenciada. As atitudes de corrupção estão relacionadas ao outro, como modo de justificar a sua própria ação, fazendo surgir neste sentido um metafenômeno até então não verificado: a competitividade e o comportamento generalizado.

**Palavras-chave:** Corrupção; representações sociais; universitários; fenômeno; metafenômeno.

## **Corruption for Brazilian university students: a study of social representations**

**Abstract.** The objective of this article is to discuss the social representation of corruption - understood here as phenomenon - in Brazilian university students, obtained from qualitative field research, analyzed according to Bardin 's perspective - Content Analysis. Based on the theoretical framework on corruption and on the theory of social representations, the results point out that for the young, Brazilian, and university, corruption is understood as a cultural aspect, intrinsic to society, especially Brazilian society. The Social Representation of corruption for the university is illegal, and that contrary to what was thought corruption is not strictly linked to the political class, despite being the most referenced. The attitudes of corruption are related to the other, as a way of justifying their own action, giving rise to a metaphenomenon hitherto unchecked: competitiveness and generalized behavior.

**Keywords:** Corruption; Social representations; University students; phenomenon; Metaphenomenon.

### **1 Introdução**

Este trabalho foi desenvolvido no Laboratório de Leitura Crítica da Mídia, instalado na Faculdade de Informação e Comunicação - FIC, da Universidade Federal de Goiás - UFG, Brasil, e apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre a representação social da corrupção para os estudantes universitários da região Centro-Oeste brasileira. A análise de conteúdo

baseada em Bardin (2009), estudada à luz da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1981) respaldam a pergunta central que norteia este artigo, qual seja: **qual a representação social da corrupção em jovens universitários brasileiros?**

Este artigo se firma nas ideias de Tuzzo e Braga (2016), que explicam que: É no fenômeno que se identificam os sujeitos pertencentes; o metafenômeno que origina e

suporta o próprio fenômeno e o objeto que é em essência a gênese do próprio fenômeno. É, portanto, no sujeito e no objeto que o fenômeno se instala, se operacionaliza e se constrói enquanto lugar de pesquisa [...] enquanto o metafenômeno só pode ser estudado dentro de um contexto social. (Tuzzo & Braga, 2016, p. 147).

Assim, a representação social da corrupção será aqui compreendida como objeto/fenômeno. Os sujeitos pertencentes são os brasileiros representados pelos estudantes universitários e o metafenômeno pôde ser identificado a partir dos resultados da pesquisa que apontam para a existência de atitudes de corrupção relacionadas ao outro, como modo de justificar a ação de corrupção de cada indivíduo brasileiro, destacando uma condição de comportamento generalizado e na competitividade, que também são compreendidos na certeza de impunidade sentida pela sociedade.

A corrupção passa a ser algo arraigado no mundo social, a tal ponto que, para os interlocutores, apesar de terem plena consciência dos atos corruptos que praticam, a justificativa está em não ficar em desvantagem, pois se muitos praticam atos corruptos e se beneficiam dos frutos desta atitude, para conseguir algum tipo de benefício social qualquer pessoa pode ser corrupta e tirar proveito de situações que não a deixem em desvantagem. Desta forma, a corrupção no Brasil deve ser compreendida a partir dos sujeitos que a

praticam, das estruturas sociais em que são praticadas e da complexidade social (Morin, 2005) que a suporta, pois, as interferências do meio podem gerar mutações no fenômeno pesquisado.

Em se tratando de pesquisas na área da comunicação, a mídia é ponto importante na construção de todo o processo pela interferência social que exerce e que impacta em outras esferas sociais. Sobretudo porque com relação ao tema pesquisado, qual seja, a corrupção, os meios de comunicação de massa possuem forte impacto na construção simbólica do significado. A representação social da corrupção perpassa pela mídia, forte influenciadora dos conceitos e significados que a sociedade terá como referência, mesmo para o público pesquisado neste artigo, ou seja, os estudantes universitários que, em tese, possuem outra esfera social de contraponto de formação da opinião que é a educação, a mídia continua a exercer grande influência na construção da representação social da corrupção.

## **2 - Sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS)**

Fundada por Serge Moscovici na década de 1960, a Teoria das Representações Sociais demonstra o surgimento das representações a partir das relações grupais, bem como a maneira que se dão suas modificações ao longo do tempo. Para o autor, o diálogo e a conversação são fundamentais

na formação das representações sociais, uma vez que, a partir do diálogo e da conversação surgem significações para os agentes envolvidos.

Como sendo uma teoria relacionada ao senso comum, as representações sociais segundo Moscovici (1981), são construídas a partir dos valores, crenças, conceitos e explicações do dia a dia ou em outras palavras, uma versão moderna do senso comum. Para Moscovici (1981), a objetivação e a ancoragem são os dois processos que estruturam a representação. Vala (2006) nos ajuda a compreender estes processos, sendo o primeiro, a forma que se organizam os elementos que a constituem, bem como o meio pelo qual se convertem em demonstrações da realidade; enquanto que o segundo se refere às âncoras que são os próprios objetos para construir a representação de um novo objeto.

De acordo com Abric (1994), toda representação possui um Núcleo Central e um Sistema Periférico, sendo estes sistemas os demonstradores dos significados das representações, o primeiro determina a ordem da representação gerando o significado dos seus elementos; já o segundo protege o primeiro e diz respeito às diferenças individuais. Assim sendo, o primeiro é bem mais resistente que o segundo e é a essência da representação.

Diante disto, irrompeu-se a possibilidade de identificar as representações sociais da corrupção, sendo que as ideias que

os indivíduos possuem a respeito do assunto, sejam quais forem, não surgiram do nada e sim a partir das experiências adquiridas nas relações sociais, ou seja, nas trocas e interpretações de informações.

Vale destacar que informações são fundamentais para o princípio da comunicação que não se finda em si mesma, mas que gera consequências no receptor e nas hipotéticas respostas. Além disso, as informações são geradas em diversos núcleos sociais como a política, a educação, a religião, mas na sociedade tecnológica são geradas, sobretudo, na mídia. Logo, os meios de comunicação de massa também possuem papel fundamental na construção de todo o processo de representação do discurso. Braga e Campos (2012), destacam que assim como a comunicação não se restringe apenas à manifestação da linguagem, pois são também formadoras de sentidos, também as representações sociais são indicadoras de um caminho de análise, oferecendo à Comunicação Social um lugar privilegiado na compreensão das representações sociais.

### **3 - Corrupção**

Ao introduzir sua obra sobre crimes de corrupção, Oliveira (1994) expressa que a corrupção é conhecida por meio de variadas nomenclaturas nos diferentes países do mundo. No Brasil, entre tantas, estão as expressões: *jeitinho brasileiro*, *leite da criança*

e por *debaixo dos panos*, que, de imediato, são as mais populares. Independentemente dos apelidos que a criatividade atribui em cada lugar, todos remetem ao significado único de *corrupção*.

De acordo com Bezerra (1995), as categorias do envolvimento humano com as práticas corruptas estão relacionadas aos vínculos de natureza pessoal como o parentesco, a amizade, a patronagem ou camaradagem, entre outras. O autor cita a troca de favores bem como as práticas concebidas como corruptas e corruptoras.

E isto não começou há pouco, segundo Oliveira (1994), podemos encontrar registros de corrupção em meados do ano setenta antes de Cristo. Segundo Carvalhosa (2015, p. 86), “a corrupção em nosso país é de natureza sistêmica e vem de longa data, dos tempos coloniais”. Então, desde sempre, se é que podemos dizer assim, a corrupção atua na vida humana. Ainda para Carvalhosa (2015, p. 3), ela “resiste às leis, às formas de Estado e de governo, aos regimes políticos, aos sistemas sociais”.

Quanto ao que poderia contê-la, Oliveira (1994) aponta que: As leis definem os fatos de corrupção para que todos tenham consciência de sua ilicitude. Graças a essa definição legal conseguem-se evitar muitos deslizes; mas, apesar desse esclarecimento das consciências, atos de corrupção ocorrem todos os dias. (Oliveira, 1994, p. 2 e 3). Tal discurso não possui intenção de convencer quanto à legalidade da corrupção, mas de

orientar que embora existam as concepções do que é corrupção, bem como as punições – ou não – para os quais a cometem, a sociedade sempre viverá com a possibilidade de se esbarrar em algum aspecto que abrange as “práticas corruptas” cotidianamente. Levando em consideração tais observações, percebe-se que os diferentes grupos que compõem a sociedade podem adotar diferentes compreensões do assunto, a partir de como a informação que tais agentes recebem é estruturada. Vale lembrar que os processos comunicacionais concebem as representações.

Observa-se que a corrupção possui um destaque em relação aos aspectos políticos, o que implica na opinião dos indivíduos e na formação da opinião pública, uma vez que os agentes sociais possuem facilidade de reproduzir informações conforme a maneira que a receberam, ou seja, a ideia de estabelecer relação dos agentes políticos com corrupção é resultado das informações que os indivíduos incorporam, a partir das fontes que transferem algum conteúdo que comporá a compreensão dos assuntos. Aqui também vale lembrar que a maior parte destas informações são transmitidas pela mídia, acima das próprias conversações cotidianas.

De acordo com Carvalhosa (2015), a população brasileira considera que qualquer autoridade seja corrupta, pois no Brasil governar significa apropriar-se de recursos públicos para proveito próprio e o dos

partidos políticos que estão no poder. Além disso, a corrupção mesmo quando parte de uma determinada instituição ou sistema é capaz de atingir a coletividade e arruinar tanto a construção quanto a preservação da cidadania.

Para Assis (1994), a corrupção foi causada pelo suprimimento das bases da cidadania e isto no contexto político do autoritarismo. Sendo assim, fica evidente que nos diferentes níveis sociais a corrupção implica consequências significativas para o desenvolvimento da cidadania e isto, muitas vezes concebidas na busca pelo poder, seja político, econômico ou de qualquer outra espécie. Desta forma, parece ser possível argumentar que o status de corrupção está diretamente ligado ao fato da população carecer de amparo público naquilo em que o Estado é responsável, como se os atos corruptos usurpassem os direitos básicos do cidadão, como educação, saúde, transporte e segurança.

#### **4 - Metodologia**

O conteúdo analisado neste artigo foi embasado em pesquisas bibliográficas e também extraído do resultado de uma pesquisa científica de caráter clássico exploratório sobre corrupção, com enquadramento qualitativo. Por se tratar de uma investigação empírica na qual o objeto submetido à avaliação foram seres humanos e que a resposta para o problema proposto não

foi exata, se considera que a pesquisa tem uma vocação essencialmente qualitativa.

A pesquisa bibliográfica está estruturada em quatro eixos propostos por Flick (2009) que destaca a importância da literatura teórica sobre o tema a ser pesquisado; leitura de pesquisas empíricas realizadas anteriormente sobre o tema, ou similares; literatura sobre metodologia da pesquisa; literatura teórica e empírica para a contextualização, comparação e generalização das descobertas. As pesquisas qualitativas encontram respaldo em Minayo (2000, p. 48), que afirma que elas podem ser compreendidas como "aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas".

Para esta pesquisa construída dentro do campo da comunicação, investigou-se a opinião sobre o tema – corrupção a partir da questão central: **qual a representação social da corrupção em jovens universitários brasileiros?** Para isso foram determinadas as variáveis que abrangeram o problema, quais sejam, variável independente (VI); corrupção e as variáveis dependentes (VD's); conhecimento do assunto; dimensão da ocorrência da corrupção; onde a corrupção é mais frequente; consciência (ou não) de participação.

Foram determinados os estudantes universitários como população-alvo, (Gunther, 2006) e o *corpus* construído a partir dos estudantes de graduação, definindo como unidade amostral a Faculdade de Informação e Comunicação - FIC, da Universidade Federal de Goiás - UFG, Brasil. A partir da técnica de amostragem não-probabilística por cotas, a amostra da pesquisa qualitativa foi constituída por 25 universitários, mais precisamente, cinco estudantes de cada um dos cinco cursos que integram a Faculdade, a saber: Biblioteconomia, Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Gestão da Informação.

Como instrumento de coleta de dados para a pesquisa foi utilizada a entrevista com questionário semi-estruturado, tendo em vista que as respostas poderiam não ser suficientes para esclarecer a ideia dos estudantes, deste modo, o questionário semi-estruturado possibilitou acrescentar mais questões ao longo da entrevista e assim obter maior discussão do assunto já que a coleta foi gravada e transcrita posteriormente. Para Tuzzo (2016): Entrevista é narrativa, é a busca pelo olhar, pela compreensão, pela percepção do outro sobre o que se quer pesquisar. Entrevistar é querer saber a visão de alguém. Entrevistar é buscar um sentido diferente de um mesmo fato, acontecimento, prática social, algo inerente à existência.

Entrevistar é ouvir perspectivas e entendimentos diversos, por isso quem entrevista deve sempre estar aberto às novas

descoberta se não buscar somente confirmações sobre aquilo que acredita. Entrevistar é a possibilidade de descobrir o impensável. (Tuzzo, 2016, p. 149). O método de análise utilizado foi a Análise de Conteúdo (AC) proposta por Bardin (2009), instrumento de análise comunicativa que busca descrever o conteúdo das mensagens de maneira sistemática e possibilita observar e estabelecer associações de palavras com os possíveis significados indicados. A autora destaca ainda que a prática do método perpassa pelo processo de codificação.

Esta ocorre após a recolha do material a ser analisado, de tal modo, os dados brutos são sistematizados e transformados em unidades que vão permitir a melhor caracterização do conteúdo. Bardin (2009) ao assegurar e explicar sobre a codificação afirma que: Tratar o material é codificá-lo. A *codificação* corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou de sua expressão; susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices [...]. (Bardin, 2009, p. 129). Feita a coleta de dados da pesquisa qualitativa a partir da entrevista e tendo as respostas transcritas foi realizada a leitura flutuante dos textos, conforme Bardin (2009), a fim de identificar os elementos condizentes às categorias propostas. Seguidamente, foi realizada a contagem

destas palavras e separadas conforme a respectiva categoria. Os dados foram analisados por meio da análise categorial, incluídos em quatro categorias: Corrupção, Frequência, Ocorrência e Inclusão.

Ao completar a contagem em todo o material coletado, foi possível apresentar as categorias e palavras correspondentes, bem como a frequência de ocorrência destes elementos. Para isto, foram somadas as palavras de cada categoria e dividido pela soma de palavras de cada quadro/conjunto, assim, obteve-se a frequência de palavras de cada categoria e com estes resultados a visibilidade da opinião dos estudantes dos cursos de graduação da FIC/UFG sobre o tema corrupção.

## **5 - Análises**

A discussão dos resultados coletados leva em consideração que de fato as representações sociais encontram-se nas conversações conforme proposto por Moscovici (1981), em cujo processo de coleta de dados, foi possível observar que a própria atitude de comentar sobre o assunto durante a apresentação da pesquisa para os respondentes, provocou nos entrevistados a reação de externar comentários semelhantes ao que estava sendo falado midiaticamente, ou até mesmo a surpresa em não ter refletido antes, de onde surgiu a concepção que possui sobre corrupção. Enfim, cada resultado obtido é a representação social da corrupção que os estudantes possuem. Nos resultados obtidos

na pesquisa qualitativa, foi identificado que a categoria *Corrupção* possui reiteração em relação a frequência entre os alunos dos cursos de graduação da FIC/UFG. Isto significa que o nível de entendimento dos alunos sobre o assunto tratado é aproximativo. Dos cinco cursos da unidade acadêmica podemos destacar: A análise do perfil dos alunos do curso de *Biblioteconomia* identificou 32 palavras que atenderam a categoria *corrupção*, dentre elas a mais frequente foi a própria palavra *corrupção*, seguida de *ilegal*.

Pode se observar que para os alunos de Biblioteconomia, a corrupção está relacionada a atitudes ilegais, isto significa que quem pratica corrupção também comete crimes. Identificou que as expressões: *ambiente parlamentare* e *todos os âmbitos* dentro da categoria frequência, possuem igual indicador. Isto significa que para os alunos de Biblioteconomia, a corrupção acontece de forma exagerada, tanto no ambiente parlamentar como nos locais que não possuem relação direta com autoridades políticas, ou seja, os políticos não são mais corruptos que o povo, todos são corruptos por igual e o político é o indivíduo corrupto antes de entrar na própria política. Identificou 11 palavras que atenderam a categoria ocorrência, dentre elas as mais frequentes foram *todo lugar, político e influência*. Isto significa que para os alunos de Biblioteconomia a corrupção está na sociedade, no meio político e um corrupto pode influenciar outros à prática corrupta.

Identificou 4 palavras que atenderam a categoria inclusão, dentre elas a mais frequente foi *não*. Isto significa que os alunos de Biblioteconomia demonstraram não se considerarem pessoas corruptas. A resposta é absolutamente interessante no sentido de que todos acham que a sociedade é corrupta, mas ninguém se considera corrupto.

A análise do perfil dos alunos do curso de *Gestão da Informação* identificou 3 expressões que atenderam a categoria corrupção, dentre elas *tirar vantagem*, *coisa injusta* e *se venderiam* obtiveram frequência igual. Isto significa que para os alunos de Gestão da Informação, a corrupção está relacionada a tirar proveito sobre alguém, praticar injustiça e se vender. A corrupção prejudica a justiça, deste modo, pode-se considerar que prejudica a cidadania. Identificou a expressão *muitas notícias* na categoria frequência. Isto significa que para os alunos de Gestão da Informação, a corrupção acontece mais nos noticiários. Em outras palavras, os jornais impressos e os telejornais falam mais de corrupção do que de fato existe. Assim, existe a corrupção e a sensação de corrupção motivada pelo discurso midiático. Identificou 4 expressões que atenderam a categoria ocorrência, dentre elas *mensalão*, *grandes empresas*, *operação lava-jato* e *política* obtiveram frequência igual.

Assim, para os alunos de Gestão da Informação, a corrupção acontece em meio às autoridades políticas ou portadores de acessibilidade econômica alta, como os

empresários. Identificou 2 expressões que atenderam a categoria inclusão, *sim* e *o ser humano é corrupto em essência* obtiveram frequência igual. Isto significa que os alunos de Gestão da Informação demonstraram comportamento a apontar que se consideram pessoas corruptas.

A análise do perfil de Jornalismo identificou 46 palavras que atenderam a categoria corrupção, dentre elas a mais frequente foi a própria palavra *corrupção*, seguida de *política*. Para os alunos de Jornalismo, a corrupção está relacionada às autoridades políticas e os políticos são corruptos.

Identificou 6 palavras que atenderam a categoria frequência, dentre elas a mais frequente foi *dia a dia*. Isto significa que para os estudantes de Jornalismo, a corrupção acontece mais no cotidiano, naquilo que geralmente não é retratado pelos meios de comunicação de massa. Identificou 3 expressões que atenderam a categoria ocorrência, *não vai dar em nada*, *individualidade* e *individualista* obtiveram frequência igual. Para os alunos de Jornalismo, a corrupção acontece a partir de pensamento subjetivo, no qual se imagina que não haverá punição, pois o que sentem é que não há correção para quem comete corrupção. Identificou 4 palavras que atenderam a categoria inclusão, *todo mundo já fez isso alguma vez*, *inseridos no sistema*, *eu já pratiquei* e *jeitinho brasileiro* obtiveram frequência igual. Isto significa que os alunos

de Jornalismo demonstraram comportamento a apontar que se consideram pessoas corruptas.

A análise do perfil dos estudantes do curso de Publicidade e Propaganda identificou 45 palavras que atenderam a categoria corrupção, dentre elas a mais frequente foi a própria palavra *corrupção*, seguida de *jeitinho*. Para os alunos de Publicidade e Propaganda, a corrupção está relacionada a ações que os indivíduos se acostumaram a fazer, pois a corrupção é uma façanha praticada de uma forma específica ou de improviso. Identificou a expressão *jeitinho brasileiro* que atendeu a categoria frequência. Isto significa que para os alunos de Publicidade e Propaganda a corrupção é mais frequente no Brasil, onde as pessoas têm um jeito para tudo e este jeito é a corrupção. Identificou 4 palavras que atenderam a categoria ocorrência, dentre elas a mais frequente foi *pequenas coisas*. Isto significa que para os alunos de Publicidade e Propaganda, a corrupção acontece naquilo que se considera pequeno, em coisas simples, consideradas sem importância. Identificou 16 palavras que atenderam a categoria inclusão, dentre elas a mais frequente foi *Brasil*, seguido de *brasileiro*. Isto significa que os alunos de Publicidade demonstraram comportamento a apontar que se consideram pessoas corruptas por serem brasileiros. A análise do perfil dos acadêmicos do curso de Relações Públicas identificou 23 palavras que atendem a categoria corrupção, dentre elas a mais frequente foi a própria palavra *corrupção*,

seguida de *ladrão*. Para eles, a corrupção está relacionada ao roubo, ou seja, quem rouba é corrupto.

Identificou 9 palavras que atenderam a categoria frequência, com destaque para *dia a dia*. Isto significa que para os alunos de Relações Públicas, a corrupção acontece mais no cotidiano, sendo maior nas rotinas da sociedade. Identificou 20 palavras que atenderam a categoria ocorrência, dentre elas a mais frequente foi *acesso*, seguida de *político*. Isto significa que para os alunos de Relações Públicas, a corrupção está na oportunidade de roubar, sendo que quem tem acesso a muito rouba muito, quem tem acesso a pouco, rouba pouco e como os políticos tem acesso a muito, roubam muito. Desta forma, a densidade da corrupção está relacionada ao acesso que cada indivíduo possui na sociedade. Identificou 6 palavras que atenderam a categoria inclusão, a saber, *não*. Isto significa que os alunos de Relações Públicas demonstraram comportamento a apontar que não se consideram pessoas corruptas.

## 6 - Considerações Finais

A análise de conteúdo indicou que no agrupamento de palavras sinônimas ou de sentidos idênticos em seu aspecto geral identificou na amostra que as palavras que atenderam a categoria corrupção foram representadas pela própria palavra *corrupção* que apareceu 79 vezes, seguida de *roubo* que

apareceu 31 vezes; *político* que apareceu 17 vezes e *jeitinho* que apareceu 6 vezes.

As palavras que atenderam a categoria frequência foram expressas por *dia a dia* que apareceu 17 vezes, *jeitinho brasileiro* que apareceu 2 vezes e *ambiente parlamentar* que apareceu 1 vez. As palavras que atenderam a categoria ocorrência foram expressas por *político* que apareceu 11 vezes, *todos os lugares* que apareceu 7 vezes, *pequenas coisas* que apareceu 8 vezes, *influência* e *acesso* que apareceram 2 vezes cada, seguida de *individualista* que apareceu 1 vez. As palavras que atenderam a categoria inclusão foram expressas por *brasileiro* que apareceu 15 vezes, seguida de *eu já pratiquei* que apareceu 6 vezes e *pensei* que apareceu 2 vezes. As categorias Frequência, ou seja, onde a corrupção é mais frequente e Ocorrência, que mede onde a corrupção acontece/ocorre, sofreram influência entre si, pois verificou-se que os entrevistados possuem alto convívio com a corrupção e para eles seu fluxo é em sua maioria parlamentar, mas também ocorre em outros núcleos sociais.

Na categoria Ocorrência, também se constatou a diferenciação do nível de atos corruptos, ou seja, no âmbito político eles são considerados *mais graves* e em outras situações são considerados como *pequenos atos/coisas*. Avaliando que a corrupção é julgada de acordo com o ambiente que é gerada e em relação aos indivíduos que atingem, quem tem acesso a mais, é corrupto em coisas maiores, quem tem acesso a menos,

é corrupto em coisas menores. Desta forma, a corrupção no ambiente parlamentar foi tida como atitude que existe, mas não poderia existir, já no dia a dia é tido como uma atitude mais relevável às vezes até necessária.

Mesmo com as afirmações que a corrupção é considerada um ato cultural, na categoria Inclusão, ou seja, se o comportamento do entrevistado expressa que ele se considera corrupto ou não, foi identificado que o estudante que se considera corrupto também considera o outro, evidenciando isso como justificativa para a sua própria conduta. Contudo, observa-se a dificuldade de auto inclusão do estudante no âmbito corrupto, porém os entrevistados consideram que as pessoas sejam corruptas de uma forma geral, o que demonstrou que essa é uma temática em que se fala do outro com muitas certezas e tranquilidade, mas se possui muita dificuldade em se falar de si mesmo.

Desta forma, quanto ao aspecto de inclusão ou comportamento, não se pode obter uma evidência concreta de quem de fato se considera corrupto ou não, mais que isso, fica a incógnita sobre três aspectos possíveis, quais sejam: a incapacidade dos estudantes reconhecerem-se também como praticantes de pequenos atos de corrupção, já que os atos podem ser confundidos com ocorrências naturais e corriqueiras; não praticarem nenhum ato de corrupção; ou praticarem, terem consciência e sentirem vergonha em afirmar.

A pesquisa demonstra também, que a maior parte do contato que os alunos dos cursos de graduação da FIC/UFG tiveram ao conceito de corrupção iniciou-se antes da experiência acadêmica, pelos meios de comunicação de massa ou pela comunicação verbal com os grupos sociais aos quais cada estudante está envolvido. Fica claro que quanto mais conhecimento os indivíduos possuem a respeito de corrupção, maior será a sua facilidade de discutir sobre o assunto.

Como os diferentes períodos de curso dos entrevistados não apontaram grandes diferenças entre as respostas, ou seja, tanto o aluno ingressante quanto o aluno concludente apresentam respostas muito similares, considera-se que o discurso universitário não modifica o discurso social, em especial o discurso midiático. Assim, em resposta à

pergunta central deste trabalho: **qual a representação social da corrupção em jovens universitários brasileiros?** Podemos dizer que o discurso midiático e a prática cotidiana de corrupção são percebidos nos jovens como a formação de um país corrupto, constituído de pessoas corruptas em várias esferas sociais, onde a política é o maior deles, mas não está sozinha. O perfil corrupto do brasileiro manifesta-se nas oportunidades de práticas de corrupção e na certeza de impunidade. Mesmo com os recentes acontecimentos de prisão e punição de políticos e empresários que cometeram crimes de corrupção no Brasil, a pesquisa mostra que para os jovens ainda está distante o ideal de um país formado por pessoas honestas que colocarão um fim na corrupção.

## **Referências**

- Abric, Jean-Claude. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: PUF.
- Assis, José Carlos de. (1994). *A dupla face da corrupção*. Coleção: Estudos brasileiros; v. 78. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Braga, Claudominson Fernandes e CAMPOS, Pedro Humberto Faria. (2012). *Representações sociais, situações potencialmente comunicativas e conflito: o caso da Reserva Indígena Raposa Serra do Sol (2005-2009)*. Curitiba: Editora Appris.
- Barbin, Laurence. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA.
- Bezerra, Marcos Otávio. (1995). *Corrupção: um estudo sobre poder público e relações pessoais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ANPOCS.
- Carvalhosa, Modesto. (2015). *Considerações sobre a Lei anticorrupção das pessoas jurídicas: Lei n. 12.846 de 2013*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Flick, Uwe. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

- Gunther, Hartmut. (2006). *Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa*. Esta é a Questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, 201-209. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Indicadores Sócio demográficos e de Saúde no Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 01 nov. de 2016.
- Malhotra, Naresch K. (2006). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.
- Marshall, Thomas Humphrey. (1967). *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Morin, E. (2005). *Ciência com consciência*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Moscovici, Serge. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho Arcides Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Moscovici, Serge. (1981). *Representación Social*. In J. P. Forgas (Ed.), *Social Cognition perspectives one very day knowledge*, 181-209. London: Academic Press.
- Minayo, M. C. de S. (2000). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec.
- Oliveira, Edmundo. (1994). *Crimes de corrupção*. Rio de Janeiro: Forense.
- Tuzzo, Simone Antoniacci. (2016). *Os sentidos do impresso*. Coleção: Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da mídia; v. 5. Goiânia: Gráfica UFG.
- Tuzzo, Simone Antoniacci; BRAGA, Claudomilson Fernandes. (2016). *O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese*. In: *Revista Pesquisa Qualitativa*. São Paulo, v. 4, n.5, 140-158, ago. 2016
- Vala, Jorge; Monteiro, Maria Benedicta. (Coord's.). (2006). *Psicologia Social*. 7. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.